

FR**ONTEIRAS**
DO PENSAMENTO

**O MUNDO EM
DESACORDO**
DEMOCRACIA E GUERRAS CULTURAIS

AI
WEIWEI

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO

TEMPORADA 2018

Expediente

Fronteiras do Pensamento® Temporada 2018

Curadoria

Fernando Schüler

Assistente da Curadoria

Eduardo Wolf

Gestão

Júlia Neiva

Direção Comercial

Pedro Longhi

Atendimento

Beatriz Gregório

Marketing

Karina Roman

Coordenação Editorial

Luciana Thomé

Equipe

Denise Donicht
Francisco de Azeredo
Michele Marten

Pesquisa

Juliana Szabluk

Design

Fernanda Toniuzzi

Editoração

Gustavo Gomes

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com

O MUNDO EM DESACORDO

DEMOCRACIA E GUERRAS CULTURAIS

PARA BUSCARMOS O ACORDO, A TOLERÂNCIA E A HARMONIA

Construir consensos é um ideal indissociável das *democracias*. Ao contrário dos regimes de força, que impõem visões de mundo únicas, democracias contemplam uma pluralidade de modos de vida, de *identidades* coletivas e individuais, com seus anseios, suas aspirações e suas urgências. É apenas na democracia, graças ao debate público, ao esclarecimento e ao convencimento do outro, que variadas identidades formam arranjos de maiorias e minorias para buscar o acordo, a tolerância e a harmonia.

Contudo, o que ocorre quando identidades religiosas, raciais, de gênero ou de comportamento e cultura tornam-se tão radicalizadas que a sociedade não encontra mais o consenso? O que acontece quando reinam a intolerância e o extremismo onde deveriam triunfar os direitos de todos, o respeito mútuo e a igualdade na diferença? Quando a sociedade envereda por esse caminho – o caminho das *guerras culturais* –, é a própria democracia que corre riscos.

Já faz meio século que políticas de ações afirmativas e movimentos identitários têm sido parte essencial da busca por uma sociedade baseada em direitos e oportunidades para todos. O problema surge quando um tipo qualquer de identidade produz seus próprios critérios de superioridade moral e exclusão do outro, inviabilizando os acordos e consensos mínimos que garantem a vida e a força

das sociedades democráticas modernas. Mark Lilla, da Universidade de Columbia, afirma que “o progressismo norte-americano anda imerso em um tipo de pânico moral em função de temas de gênero, raça e identidade sexual”. O mesmo poderia ser dito sobre diferentes formas de conservadorismo.

As guerras culturais marcam a migração dos temas éticos para o centro do debate público. O sentido e os limites da arte, a natureza do casamento e da família, o papel da mulher e do homem na sociedade passam a ser matéria de acirrado debate político, partidário e governamental, não mais se restringindo à esfera dos indivíduos ou da sociedade civil. Sobre esses temas não haverá acordo em uma “grande sociedade” plural.

O filósofo e neurocientista de Harvard, Joshua Greene, fala de uma “tragédia da moralidade do senso comum” para tratar do desacordo nas democracias contemporâneas. Somos talhados para viver em “tribos morais”, não em um universo cosmopolita. Uma ética global ainda está para ser construída. Este é, em boa medida, o desafio de nosso tempo.

A agravar essa situação há o papel das mídias sociais. No lugar da grande ágora global, que no final do século passado prometia o aprofundamento do diálogo entre os diferentes, o que emergiu de fato assemelha-se mais a um tipo de guerra hobbesiana de todos contra todos, impedindo os consensos e minando instituições democráticas.

Explorar esses temas, celebrar a diferença sem perder a dimensão do diálogo, decifrar os mistérios da guerra cultural e o atual estado da democracia global serão alguns dos desafios do *Fronteiras do Pensamento* em 2018.

CONFERENCISTAS

TEMPORADA 2018

AI WEIWEI

(China, 1957)

Artista plástico, *designer* e cineasta chinês. Autor de obras irreverentes, utiliza o cinema e a internet como instrumentos de ativismo e de crítica ao governo da China e à crise da Europa.



“Perder a liberdade de expressão é um sinal muito perigoso de que se pode estar andando para trás. O primeiro passo, no retrocesso, é sempre calar a arte. É uma ameaça de surgimento de tempos piores.”

Weiwei é um dos artistas-ativistas mais destacados da atualidade. Desde a década de 1970, quando se tornou possível defender a liberdade de expressão na China, ele manifesta o ativismo em suas obras. É filho do poeta chinês Ai Qing, um dos primeiros intelectuais a serem politicamente cerceados. Com os amigos do pai aprendeu as habilidades básicas de desenho e estudou cinema na Academia de Cinema de Pequim.

DESTAQUES

Integrante da primeira geração de chineses que estudou fora do país, em 1981 se mudou para os Estados Unidos, onde permaneceu até 1993, voltando para a China por conta da saúde debilitada do pai. Ao longo da carreira, sua postura sempre foi irreverente, como em *Dropping a han dynasty urn*, na qual ele fotografou-se quebrando um vaso de dois mil anos; ou *Sunflower seeds*, quando cobriu o chão de uma sala da galeria Tate, em Londres, com sementes de girassol falsas feitas à mão por trabalhadores chineses.

Em 2011, foi preso no aeroporto de Pequim sob acusações de “evasão fiscal”. Passou 81 dias desaparecido, mesmo sob intensos protestos nos Estados Unidos, na França, na Inglaterra, na Alemanha e na própria China. Embora tenha sido solto no ano seguinte, permaneceu em prisão domiciliar em seu estúdio até 2015, impedido de viajar e se engajar nas redes sociais. Atualmente, mora na Alemanha.

Ai Weiwei entende que seu trabalho é dar voz aos que não têm como falar. Seu projeto mais recente aborda a crise de refugiados em 23 países, tema de seu filme *Human Flow – Não Existe Lar se Não Há para Onde Ir*, de 2017.

Ai Weiwei foi um dos primeiros artistas a utilizar a internet e as mídias sociais como ferramenta de trabalho, possibilitando seu ativismo em uma escala exponencialmente maior. Na atualidade, a crise humanitária na Europa e em outros continentes envolvendo, em especial, a questão dos refugiados e das fronteiras é um dos temas principais de seu trabalho.



Seu documentário *Human Flow* é uma resposta global à crise. Ele mostra o drama dos paquistaneses apartados por diferenças religiosas, dos palestinos confinados por israelenses em Gaza, de africanos e até mexicanos obrigados a se deparar com uma cerca na fronteira dos Estados Unidos. O resultado é um filme que, ao mesmo tempo, humaniza e mostra a gravidade da situação dos refugiados, com cenas que acompanham tarefas cotidianas (buscar água, montar barracas e cuidar das crianças) e outras que mostram as longas travessias em barcos improvisados, ataques da polícia fronteira ou ameaças de grupos terroristas.

Atualmente, Weiwei reside em Berlim. A partir da década de 1990, fez de sua arte um instrumento de crítica aos abusos do governo chinês. Da paixão pela fotografia veio o encanto pelos documentários: foram mais de 20 ao longo de sua carreira, principalmente sobre as questões políticas chinesas, mas também sobre o desastre da usina de Fukushima. Nessas produções, o artista aborda temas de engajamento político ou sobre direitos humanos.



Artigo da revista *Cult*, reproduzido no site do *Fronteiras do Pensamento*. O texto fala sobre o trabalho engajado de Weiwei com a questão dos refugiados e a crise humanitária na Europa. Também comenta a produção de *Human Flow*, documentário gravado em mais de 23 países. “Como artista, é muito importante envolver-se em todas essas questões. E, como indivíduos, devemos agir. Não se pode confiar nas instituições, na política, eles não estão nem aí.”

<https://is.gd/Weiwei1>

<https://www.fronteiras.com/artigos/ai-weiwei-dando-voz-aos-que-nao-tem-como-falar>

“Minha arte é apenas a de um artista chinês estúpido, são meus sentimentos, meu relacionamento com essas coisas que acontecem. A arte em si não pode fazer nada. Eu posso fazer algo pela minha própria consciência, e talvez influenciar alguma pessoa. Há muitas pessoas que sabem o que está acontecendo. Mas parece que elas não se importam, que não é um assunto relacionado a elas. Alguns afirmam estar fazendo outro tipo de arte superior, e não falam de dignidade humana.”
(*El País*, agosto de 2017)

Vídeo da Tate Gallery, em Londres, publicado em 2010 sobre *Sunflower seeds*, obra de Ai Weiwei exposta na galeria e que denuncia a exploração de trabalhadores na China em um mercado tradicional do país. Composta por milhões de sementes de girassol feitas de cerâmica, foram criadas à mão e cada uma pintada de forma artesanal.

<https://is.gd/Weiwei2> (em inglês)

<https://www.youtube.com/watch?v=PueYywpkIW8>



PARA DEBATER E CONHECER O MUNDO

Há mais de uma década, a trajetória do *Fronteiras do Pensamento* privilegia as ideias, valoriza o conhecimento e fornece algumas das principais chaves para a compreensão do mundo e das suas complexidades.

A cada temporada, um time de pensadores e profissionais reconhecidos apresenta suas próprias inquietações e provocações para que, a partir de um conjunto múltiplo e diverso, possamos traçar novas discussões, fomentar novas buscas, iluminar dúvidas e certezas e descobrir novos caminhos.

O projeto, após suas mais de duas centenas de conferências internacionais e nacionais realizadas, mantém vivo o seu convite ao diálogo. Especialmente no período atual, em que encontrar consensos ao mesmo tempo em que se valoriza particularidades é um dos grandes desafios.

Braskem apresenta

WWW.FRONTEIRAS.COM



fronteirasweb



fronteiraspoa

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO